

# AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE MACEIÓ

Shirley Nayara Souza<sup>1</sup>

Cristiano Ribeiro de Lima<sup>2</sup>

Enfermagem



ISSN IMPRESSO 1980-1769  
ISSN ELETRÔNICO 2316-3151

## RESUMO

**Introdução:** A automedicação consiste em ato de um indivíduo adquirir e fazer uso de um medicamento sem prescrição médica. Essa prática apresenta inúmeros prejuízos. **Objetivo:** Investigar a prevalência e as características da automedicação entre graduandos do curso de enfermagem de uma instituição de ensino superior (IES) privada de Maceió-AL. **Métodos:** foi realizado um estudo do tipo descritivo transversal. No qual 43 alunos responderam a um questionário auto aplicado contendo 10 questões objetivas e discursivas, aplicado na IES de Maceió. Para a análise dos dados foi utilizada estatística descritiva, no *software Microsoft Excel*. **Resultados:** dos participantes 93% eram do sexo feminino e 7% do sexo masculino. A prevalência geral da automedicação foi de 93%. Os fatores que levam os acadêmicos da instituição investigada a se automedicarem são principalmente a orientação para esta prática provinda de fontes não relacionadas à área médica e sinais e/ou sintomas relacionados a afecções que causam cefaleias, febre, dores, além da praticidade. **Conclusão:** A automedicação é um problema presente entre estudantes universitários da área da saúde, o que também foi constatado nos graduandos do curso de enfermagem na IES pesquisada, podendo ocasionar danos à saúde dos mesmos, sendo necessária a realização de ações/atividades que contribuam para o uso racional de medicamentos.

## PALAVRAS-CHAVES

Automedicação. Estudantes. Ensino superior.

## ABSTRACT

**Introduction:** Self-medication consists of an individual's acquiring and making use of a non-prescription medication. This practice presents numerous damages. **Objective:** To investigate the prevalence and characteristics of self-medication among nursing undergraduates from a private higher education institution (HEI) in Maceió-AL. **Methods:** This is a descriptive quantitative study. In which 43 students answered a self-administered questionnaire containing 10 objective and discursive questions, applied in the HEI of Maceió. For the data analysis, descriptive statistics were used in Microsoft Excel software. **Results:** 93% of the participants were female and 7% were male. The overall prevalence of self-medication was 93%. The factors that lead the investigated institution to self-medicate are mainly the guidance to this practice from sources unrelated to the medical area and signs and / or symptoms related to conditions that cause headache, fever, pain, and practicality. **Conclusion:** Self-medication is a present problem among university students in the health area, which has also been observed in nursing undergraduate students at HEI, and may cause health damage, and it is necessary to carry out actions / activities that contribute to the rational use of medicines.

## KEYWORDS

Self-medication. Students. Higher Education.

## 1 INTRODUÇÃO

A automedicação é entendida como a prática de ingerir medicamentos sem o aconselhamento e/ou acompanhamento de um profissional de saúde qualificado. Em outras palavras, é a ingestão de medicamentos por conta e riscos próprios (MASSON, 2012, p. 83).

Independente do nível cultural, do contexto histórico envolvido, da posição econômica ou social do indivíduo, a automedicação é uma prática comum, que visa o alívio ou a cura de sintomas considerados simples e recorrentes (SILVA, 2013, p. 28).

Essa prática, apesar de considerada como uma forma comum de autocuidado, pode ser potencialmente danosa à saúde, tanto individual quanto coletiva, principalmente pelo fato de que nenhum medicamento é totalmente isento de efeitos indesejados.

Os motivos que levam a automedicação apontam experiência prévia com o sintoma ou a doença, crença sobre conhecimento da doença, limitação de recursos financeiros para cuidar da saúde, indisponibilidade de tempo para buscar auxílio médico e atitude do indivíduo frente à doença (GOEL, 2013, p.14).

O fato de o indivíduo executar a automedicação, sem critérios técnicos e acompanhamento profissional, enquadra essa prática como uso irracional de medicamentos (FERNANDES; CEMBRANELLI, 2014, p. 6).

Medicamentos são importantes bens sociais. Sua utilização pela população brasileira é alta e influenciada por vários fatores. Dentre estes, o aumento da expectativa de vida da população e o conseqüente aumento da carga de doenças crônicas, o surgimento de novas e velhas doenças resultantes da degradação do meio ambiente, da poluição ambiental e das mudanças climáticas e os crescentes investimentos financeiros por parte do governo para garantir o acesso universal ao serviço de saúde (ARRAIS *et al.*, 2016, p. 2).

Nesse seguimento, com o propósito de garantir a necessária segurança, eficácia e qualidade dos medicamentos, além da promoção do uso racional e do acesso da população aos medicamentos considerados essenciais, foi aprovada, pela portaria GM/MS nº 3.916/1998, a Política Nacional de Medicamentos. No que diz respeito à promoção do uso racional de medicamentos, a referida política preconiza que a atenção especial deve ser concedida a informações relativa às repercussões sociais e econômicas do receituário médico.

Várias são as razões pelas quais as pessoas se automedicam, a propaganda de determinados medicamentos, a dificuldade e o custo de se conseguir um atendimento médico, a limitação do poder prescritivo, o desespero e a angústia desencadeados por sintomas, informações sobre medicamentos obtidos por meios de comunicação (GALATO; MADALENA, 2012, p. 3324).

Neste sentido, os fatores sócios demográficos e psicossociais influenciam fortemente a prevalência da automedicação. Alguns estudos realizados com universitários indicam que os indivíduos com maior grau de instrução são os que mais recorrem à automedicação (AQUINO; BARROS, 2010; GALATO; MADALENA, 2012). Isto ocorreria como conseqüência do acúmulo de conhecimento, seja ele adquirido nas instituições educacionais, especialmente nas faculdades voltadas para as ciências da saúde, ou em experiências de vida, o que geraria uma maior confiança naqueles que se automedicam, deixando-os mais expostos ao risco inerente ao uso irracional de medicamentos.

No que diz respeito à automedicação entre estudantes, esse tem sido tema de várias pesquisas, contudo, ainda é notável a falta de trabalhos realizados no estado de Alagoas direcionado para a temática. Assim, o objetivo do presente estudo foi conhecer aspectos ligados à prevalência da automedicação e quais medicamentos são mais usados entre estudantes de Enfermagem do curso superior saúde de uma instituição de ensino superior (IES) privada de Maceió-AL.

## 2 MÉTODOS

Foi realizado um estudo do tipo descritivo transversal, utilizando como instrumento de coleta de dados um questionário, contendo 10 questões objetivas e discursivas, aplicado na IES de Maceió. Os sujeitos da pesquisa foram alunos do curso de Enfermagem, que cursavam o 1º, 2º, 8º e 9º períodos, abrangendo 43 alunos.

Foram considerados os seguintes critérios de inclusão: ser aluno devidamente matriculado na IES nos períodos acima determinados e ter preenchido o termo de

consentimento. Em relação aos critérios de exclusão, foram excluídos do estudo os períodos intermediários do curso, no intuito de verificar se haveria diferenças significativas nos dados obtidos entre os estudantes iniciantes e os estudantes concluintes do curso. Da mesma forma, também não foram incluídos alunos dos estágios finais do curso devido às dificuldades de localização, uma vez que eles se encontram em atividades separadas geograficamente em diferentes estágios.

Os questionários foram aplicados nos meses fevereiro, março e abril de 2016 e respondidos de modo individual e voluntário. Para a análise de dados, utilizou-se o programa *Microsoft Excel*.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisado Centro Universitário Tiradentes (UNIT-AL) sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 47143215.8.0000.5641 e Número de Parecer: 1.252.285 no sistema Plataforma Brasil.

### 3 RESULTADOS

Neste estudo foi observado que é alto o índice de automedicação em estudantes de enfermagem, não havendo bases sólidas que justifiquem esta confiança nas fases mais adiantadas do curso.

Foram entrevistados 43 (quarenta e três) estudantes divididos entre os primeiros e últimos períodos do curso. Destes foi excluído um que não assinou o termo de consentimento livre e esclarecido. Totalizando 42 (quarenta e dois) entrevistados. Do total de entrevistados, 93% eram do sexo feminino, algo justificável devido ao fato de as turmas do curso de Enfermagem serem compostas em grande número pelo sexo feminino.

Em relação à automedicação, 93% afirmaram que já realizaram essa prática, 7% afirmaram não fazer uso de automedicação. De todas as pessoas que afirmaram que se automedicaram em algum momento da vida, 5% relataram ter apresentado algum tipo de desconforto pela prática, tais como: enjoo (n=1), sonolência (n=2), fraqueza (n=1), e um deles não identificou a sensação de desconforto como algo físico. Porém 95% não apresentou qualquer tipo de reação adversa pelo uso da automedicação. Isso pode justificar a perpetuação dessa prática, já que não acarretaria, na maioria dos casos, nenhum dano percebível à saúde, em um primeiro momento, não excluindo a possibilidade destes danos surgirem mais tardiamente com a persistência de uso destes medicamentos.

Os motivos de saúde que levaram os estudantes à automedicação estão apresentados na Tabela 1:

Tabela 1 – Problemas/motivos de saúde que levaram a prática da automedicação

| <b>Problemas/motivos de saúde (n=42)</b> |         |
|--|---------|
| Não identificado                         | 9 (22%) |
| Crises alérgicas                         | 1 (2%)  |

| <b>Problemas/motivos de saúde (n=42)</b>                  |          |
|---|----------|
| Dor em geral  | 17 (41%) |
| Anemia profunda   | 1 (2%)   |
| Praticidade   | 7 (17%)  |
| Prevenção   | 1 (2%)   |
| Porque gosta  | 1 (2%)   |
| Por ser profissional de enfermagem                        | 3 (7%)   |
| Necessidade para tratamento de alguma alteração de saúde. | 2 (5%)   |

Fonte: dDados da pesquisa (2018).

Tabela 2 – Classe/tipo de medicamentos mais utilizados

| <b>Classe/tipo de medicamentos (n=42)</b> |          |
|---|----------|
| Analgésicos e anti-inflamatórios          | 34 (63%) |
| Anti-infecciosos                          | 0 (0%)   |
| Atuam no Sistema Nervoso Central          | 2 (4%)   |
| Atuam no Sistema Cardiovascular           | 0 (0%)   |
| Atuam no Sistema Digestório               | 5 (9%)   |
| Atuam no Sistema Respiratório             | 4 (7%)   |
| Atuam no Sistema Endócrino                | 0 (0%)   |
| Suplementos / Polivitamínicos             | 6 (11%)  |
| Não responderam                           | 3 (6%)   |

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Tabela 3 – Frequência da prática de automedicação

| <b>Frequência (n=43)</b> |         |
|--------------------------|---------|
| Uma vez por semana       | 9 (21%) |
| Duas vezes por semana    | 4 (9%)  |

| Problemas/motivos de saúde (n=42)               |          |
|---|----------|
| Tratamento irregular.                           | 22 (51%) |
| Uso conforme surgimento de sinais e/ou sintomas | 8 (19%)  |

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

## 4 DISCUSSÃO

Medicamentos são de grande importância no sistema de saúde e, quando utilizados de maneira correta, cumprem seu papel no restabelecimento da homeostase e se tornam um recurso terapêutico financeiramente viável. Porém a automedicação irracional pode acarretar consequências graves à saúde da população, como: reações adversas, diminuição da eficácia, dependência ao medicamento e interações medicamentosas.

A prevalência de automedicação entre os estudantes no presente estudo foi de 93%, comprovando dados de Galato e outros autores, em um estudo realizado com universitários no ano de 2011 no qual a prevalência foi de 96,5% (na população em geral).

Foi verificado que não há diferença significativa em relação à prática de automedicação entre os alunos que iniciaram o curso de Enfermagem, também aqueles que estão em fase avançada do curso. Esse resultado parece não fortalecer estudos na população geral que já demonstraram uma associação direta entre automedicação, idade e escolaridade. Talvez a diferença entre os períodos estudados não seja suficiente para visualizar esse conceito.

De maneira semelhante a estudos conduzidos em países desenvolvidos e no Brasil, analgésicos e anti-inflamatórios foram os medicamentos mais utilizados, apresentando prevalência de 63%. Tais fármacos são classificados como medicamentos atuantes no sistema nervoso, segundo a classificação ATC. Os medicamentos para alívio de dor e febre são classificados como fármacos de venda livre e podem representar o autocuidado do paciente. Entretanto, como qualquer medicamento, é capaz de produzir reações adversas, mascarando quadro clínico de maior gravidade. Neste estudo, a prevalência das reações adversas a medicamentos, pelo menos uma vez na vida foi de 13%.

Na Tabela 1 observa-se que 17 (41%) dos entrevistados relatam como principal motivo da automedicação a dor, 9 (22%) não identificam, 7 (17%) dizem ser a praticidade. A Tabela 2 mostra que 34 (63%) dos entrevistados usam a classe medicamentosa dos Analgésicos e Anti-inflamatórios. Segundo estudo, analgésicos, antitérmicos e anti-inflamatórios não hormonais (AA) estão entre os medicamentos mais amplamente utilizados por adultos e crianças, com ou sem prescrição médica.

Foi percebido que 22% dos praticantes da automedicação não identificaram o porquê de realizarem esta prática. Não raro, os usuários de medicamentos, fazem

uso de prescrições médicas antigas, muitas vezes indicadas para o tratamento de condições agudas, com duração de tratamento pré-determinado. Isto pode ocorrer por falta de informação do paciente ou pela dificuldade de acesso aos serviços de saúde. Desta forma, ao prolongar o uso e/ou reutilizar estes medicamentos, por meio da automedicação, os indivíduos colocam em risco a sua saúde, além de poder gerar esta dificuldade de percepção dos motivos que o levaram a praticar a automedicação.

Entre os motivos que influenciaram na automedicação os mais citados foram a praticidade, facilidade de compra e falta de acesso ao serviço de saúde. Com relação à utilização de plantas medicinais como alternativa nenhuma pessoa relatou utilizá-las. Esse resultado pode estar relacionado com o fato de que os entrevistados eram em sua maioria jovens, já que a utilização de plantas é mais comum na população idosa.

Com relação ao uso de medicamentos sem prescrição médica, a indicação de um parente ou amigo prevaleceu sobre outras formas de orientação na realização da automedicação.

Os universitários investigados estudavam em uma universidade privada, em um curso de graduação, ou seja, de ensino superior, o que permite pressupor que são indivíduos com bom nível de escolaridade e renda.

Uma das hipóteses levantadas pelos investigadores para a realização deste trabalho era de que possuir formação na área de saúde poderia influenciar na prevalência da prática da automedicação, no entanto, esta informação não foi confirmada. Desta forma o conhecimento próprio a respeito do problema de saúde e do medicamento tem influenciado significativamente os universitários da área de saúde.

Além dos diversos motivos para automedicação, podemos acrescentar a limitação do poder prescritivo, atualmente restrito aos médicos; a grande extensão de farmácias nos grandes centros; o sofrimento desencadeado pelos sintomas; a facilidade de acesso a informações na internet em sites de busca; a falta de fiscalização em relação à venda de medicamentos tarjados e a falta de programas educativos a respeito dos efeitos muitas vezes irreparáveis da automedicação.

Os presentes dados confirmam a importância do estudo da automedicação e apoiam a hipótese da ingênua e excessiva crença da sociedade atual no poder dos medicamentos, o que contribui para a crescente demanda de produtos farmacêuticos para qualquer tipo de transtorno, por mais banal, autolimitado que seja.

Assim, pode-se dizer que é difícil interromper essa prática; sendo necessário que a sociedade se adapte, recebendo informações científicas sobre os medicamentos de venda livre, sem incentivo ao consumo desenfreado ou ao mito de cura milagrosa, ao mesmo tempo em que seja incentivada a procura pelo profissional médico, relevando os pontos positivos que uma consulta médica pode ter em relação à automedicação.

Observou-se ainda, que, o índice de consumo de analgésicos é alto nos *campus* pesquisado, sendo importante repassar que a dor é um mecanismo de defesa importante, porque indica à pessoa que algo está errado, sendo assim, necessária uma abordagem mais profunda a respeito deste quinto sinal vital, tão importante quanto os outros e deve sempre ser avaliada num ambiente clínico, para se empreender um tratamento ou conduta terapêutica.

Portanto, a automedicação é uma prática que atinge toda a população desde o leigo até os profissionais de saúde que é um fato de grande importância que deve ser dado uma atenção maior, talvez com uma abordagem dos riscos que podem acarretar durante o período de graduação, para que o futuro profissional possa atentar a população do risco desta prática.

## 5 CONCLUSÃO

O estudo permite concluir que é alto o índice de acadêmicos de enfermagem que fazem uso da automedicação, apesar de conhecer os riscos desta prática, cientes que podem causar danos à saúde deles.

Além disso, entre os estudantes iniciantes do curso, a orientação para a prática da automedicação provém principalmente de parentes, amigos e da propaganda. Assim, a automedicação torna-se um problema de grande proporção com várias questões inseridas e aparentemente como uma prática de difícil controle.

A única forma de reverter esta situação é a orientação dos graduandos, com uma abordagem maior sobre os riscos gravíssimos que esta prática pode acarretar em campanhas educativas e nos cursos de graduação de Enfermagem ministradas na disciplina de farmacologia e bioética, dando continuidade à problemática, deixando explícito que a automedicação é um recurso amplamente acessível, porém os conhecimentos adquiridos no curso não habilitam o indivíduo a esta prática, sem qualquer orientação médica, com uma abordagem específica, com segurança e confiabilidade.

Portanto, é fundamental entender que a prática da automedicação pode trazer prejuízos a saúde dos indivíduos e, por outro lado, quando o paciente recebe os medicamentos apropriados para suas condições clínicas, em doses adequadas às suas necessidades, por um período adequado, tem-se aí o uso racional de medicamentos.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Daniela Silva de; BARROS, José Augusto Cabral; SILVA, Maria Dolores Paes da; A automedicação e os acadêmicos da área da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva** (on-line), v. 15, n. 5, p. 2533-2538, 2010.

ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado; FERNANDES, Maria Eneida Porto; PIZZOL, Tatiane da Silva Dal; RAMOS, Luiz Roberto; MENGUE, Sotero Serrate; LUIZA, Vera Lucia; TAVARES, Noemia Urruth Leão; FARIAS, Marení Rocha; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora; BERTOLDI, Andréa Dâmaso. Prevalência de automedicação no Brasil e fatores associados. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, 2016.

BRASIL, Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 3.916, de 30 de outubro de 1998, aprova a política nacional de medicamentos. Brasília, **Diário Oficial da União**, p. 2, 1988.



FERNANDES, Wendel Simões; CEMBRANELLI, Júlio Cesar; Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. **Revista Univap**, São José dos Campos-SP, v. 21, n. 37, jul. 2015.

GALATO, Dayani; MADALENA, Jaqueline; PEREIRA, Greicy Borges. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 12, p. 3323-3330, 2012.

GOEL, Divya; GUPTA, Sanjay; Self-medication patterns among nursing students in North India. **IOSP J Dental Med Sci.**, v. 11, n. 4, p. 14-17, 2013.

MASSON, Wallan; FURTADO, Poliana Lempk; LAZARINI, Carlos Alberto; CONTERNO, Luciene de Oliveira. Automedicação entre acadêmicos do curso de medicina da Faculdade de Medicina de Marília, São Paulo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, Vitória, v. 14, n. 4, p. 82-89, 2012.

SILVA, José Antônio Cordero da; GOMES, Alzira Leite; OLIVEIRA, João Paulo Santiago de; SASAKI, Yan de Assis; MAIA, Bruno Tiago Barbosa; ABREU, Bianca Medeiros. Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de Saúde Universitário. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 27-30, jan./mar. 2013.

---

**Data do recebimento:** 25 de Junho de 2018

**Data da avaliação:** 20 de Julho 2018

**Data de aceite:** 8 de Janeiro de 2019

---

---

1 Graduanda do curso de Enfermagem pelo Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: shirleysouza867@gmail.com

2 Professor do curso de Enfermagem pelo Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: zcristianoz@gmail.com

